

Opinião: Restauração florestal: demanda crescente para Amazônia

Êxito das iniciativas do setor madeireiro passa pela implementação de políticas públicas consistentes e pelo reconhecimento de toda a sociedade.

Henrique José Borges de Araujo Especial para o Agrodebate



Henrique José Borges de Araujo
(Foto: Divulgação assessoria/Embrapa)

A produção de madeira na Amazônia Brasileira, proveniente da exploração seletiva de árvores, acumulou nos últimos 16 anos (1998 a 2013) um volume da ordem de 320 milhões de metros cúbicos em tora. Esse volume é suficiente para a carga de 16 milhões de caminhões toreiros, os quais, enfileirados, dariam seis voltas completas em nosso planeta.

Dados oficiais sobre a área desmatada nessa região do Brasil revelam que nos últimos 26 anos (1988 a 2013) foram removidos 402.663 quilômetros quadrados de florestas, área equivalente a duas vezes o Estado do Paraná. Muito embora tenham desacelerado drasticamente, especialmente de 2005 até os dias atuais, esses números fornecem uma dimensão das alterações já causadas pelo homem na Floresta Amazônica.

A exploração seletiva, em grande parte realizada sem técnicas de manejo florestal sustentável, tem empobrecido a floresta de espécies madeireiras de valor econômico e também sua capacidade natural de reposição. Para algumas espécies essa situação pode ser irreversível, chegando ao risco de extinção.

Em geral, nas florestas exploradas seletivamente, mesmo aquelas conduzidas com técnicas de manejo, as espécies de alto valor comercial apresentam regeneração lenta e imprevisível e a maioria se regenera insuficientemente após a exploração.

Estudos mostram que a composição de espécies de uma floresta se modifica expressivamente após a exploração seletiva. Isso ocorre não somente pela redução do número de árvores, ocasionada pela exploração, mas também pela abundante regeneração de espécies de rápido crescimento, a maioria sem valor comercial, favorecidas pela abertura das clareiras da exploração na floresta.

As clareiras são consideradas as principais responsáveis pela regeneração de florestas tropicais, o que está relacionado às condições ambientais, especialmente à maior intensidade luminosa em relação à floresta maciça. Contudo, por meio de técnicas de restauração, florestas empobrecidas de espécies de valor econômico podem ser conduzidas de maneira a reverter, ou minimizar, os efeitos negativos da exploração seletiva que modificou sua estrutura original.

Entre as principais técnicas de restauração florestal citam-se: a regeneração natural (utilização do banco de sementes e plantas jovens já presentes na floresta); a dispersão (lanço ou semeadura) de sementes; e o plantio de enriquecimento (plantio de mudas).

O plantio de enriquecimento é um dos métodos de restauração de florestas nativas mais praticados, sobretudo por fornecer uma boa densidade inicial de plantas, além de possibilitar a restauração mais rápida e eficiente da floresta em razão de utilizar mudas selecionadas (bem formadas e sadias) que são plantadas em melhores condições de adubação, luminosidade e espaçamento. Para aumentar a eficiência desses plantios e garantir o bom desenvolvimento das mudas, devem-se realizar tratamentos silviculturais periódicos (limpezas, raleamento de plantas indesejáveis, podas, etc.), de maneira a reduzir a competição por luz e nutrientes com as espécies não comerciais.

Recentemente a [Embrapa Acre](#) iniciou um projeto de pesquisa objetivando desenvolver procedimentos técnicos capazes de atenuar os processos de empobrecimento de florestas e reduzir a ameaça de extinção das espécies madeireiras importantes. Além do desenvolvimento de métodos de restauração florestal, incluindo estudos técnicos e econômicos (insumos usados, mão de obra, custos, etc.), o objetivo desse projeto é testar em plantios de enriquecimento em clareiras a adaptação de espécies tradicionais em vias de escassez.

Estão em fase de teste dez espécies (amarelão, angelim, cedro, cerejeira, freijó, ipê, itaúba, jatobá, mogno e timbaúba) e os resultados até o momento são bastante satisfatórios, tanto em relação às taxas de sobrevivência como de crescimento dendrométrico (altura e diâmetro) das plantas.

Os procedimentos de restauração florestal desenvolvidos pela Embrapa Acre são destinados à transferência aos segmentos afins, em especial, ao setor produtivo madeireiro, representado por empresas detentoras de planos de manejo (florestas de produção) e indústrias de transformação madeireira. Esse setor é, sem dúvida, o maior protagonista nessa questão, portanto, a quem cabe incorporar em suas rotinas de trabalho iniciativas no sentido de restaurar e assegurar a sustentabilidade das florestas.

É evidente, entretanto, que o êxito das iniciativas do setor madeireiro passa pela implementação de políticas públicas consistentes e pelo reconhecimento de toda a sociedade, afinal é esta a maior consumidora da madeira amazônica.

Henrique José Borges de Araujo é engenheiro florestal e pesquisador da Embrapa Acre.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/agrodebate/noticia/2014/11/opinio-restauracao-florestal-demanda-crescente-para-amazonia.html>>.